

Economia

FRED LOUREIRO/SECOM-ES



LAMA NO RIO DOCE, na cidade de Baixo Guandu, depois do rompimento da barragem da mineradora, que causou o maior desastre socioambiental do País

ROMPIMENTO DE BARRAGEM

Samarco vai ter de indenizar 167 mil famílias no Estado

Os dados, segundo a Defensoria Pública do Estado, foram repassados pela mineradora. Valores ainda serão calculados

Os rejeitos de minério de uma barragem da Samarco, na cidade mineira de Mariana, percorreram 660 quilômetros entre Minas Gerais e Espírito Santo. No caminho, deixaram um rastro de destruição, sujeira e afetaram drasticamente o Rio Doce e a população que dele sobrevivía.

Quase um ano depois do rompimento da barragem de Fundão, que causou o maior desastre socioambiental do País, moradores de Colatina, Linhares e Baixo Guandu, num total de 167.881 famílias no Estado, vão poder, a partir deste mês, negociar suas indenizações diretamente com a Samarco.

Os dados foram passados pela

mineradora à Defensoria Pública do Estado, que vai mediar os acordos entre a empresa e as comunidades atingidas.

Para esclarecer a população sobre o Programa de Intermediação Mediada (PIM) da Samarco, a Defensoria realizou no mês passado seis audiências públicas nos três municípios que vão participar do programa. Ao todo, cerca de 3.250 pessoas participaram dos encontros, que contaram com defensores públicos e representantes da mineradora.

Segundo o defensor público Fábio Bittencourt, a Samarco ainda não divulgou os valores das indenizações e nem a fórmula que utilizará para chegar a tais quantias. Mas a reportagem de **A Tribuna** teve acesso à matriz de danos que serão indenizados neste momento.

Entre eles estão os danos relacionados ao desabastecimento de água e à perda de renda como consequência direta da tragédia ocorrida em 5 de novembro de 2015 que provocou a morte de 19 pessoas.

Pescadores, lavadeiras, garim-

TRAJETO DA LAMA



Fonte: Serviço Geológico do Brasil, Samarco e pesquisa A Tribuna.

peiros e agropecuaristas que tiveram suas atividades interrompidas ou comprometidas — e por consequência amargaram prejuízos — serão indenizados pela Samarco.

Bittencourt explicou também que a empresa vai montar escritórios nas três cidades atingidas para atender à população. “Em Linhares, a previsão é de que o local comece funcionar na primeira quinzena do mês. Já em Colatina e Bai-

xo Guandu, na segunda quinzena”.

O comerciante Francisco Benício, 39 anos, morador de Povoação, distrito de Linhares, foi um dos que viu seu projeto de vida ruir: “Me preparei durante o ano passado para a construção de uma pousada. Vendi meu carro e investi dinheiro esperando retorno no verão e durante um festival de música. Tudo foi cancelado. Não houve um cliente. Meu prejuízo foi de R\$ 50 mil”.

Relembre o acidente

Tragédia aconteceu no dia 5 de novembro de 2015

ROMPIMENTO

- > A BARRAGEM de Fundão, no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, Minas Gerais, se rompeu no dia 5 de novembro de 2015.
- > COM O ROMPIMENTO, cerca de 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos foram liberados no meio ambiente.
- > OS REJEITOS de mineração eram formados, principalmente, por óxido de ferro, água e lama.
- > ESSE MATERIAL percorreu cerca de 660 quilômetros de distância entre Mariana (MG) e o Espírito Santo.

FOI O MAIOR DESASTRE do gênero da história mundial nos últimos 100 anos.



38 CIDADES foram afetadas pela lama

35 EM MINAS GERAIS

3 NO ESPÍRITO SANTO (Colatina, Linhares e Baixo Guandu)

VÍTIMAS

19 MORTOS

1.265

DESABRIDADOS foram acomodados em hotéis e pousadas

PESCA E AGROPECUÁRIA

11 TONELADAS foi a quantidade de peixes mortos com a lama no Rio Doce, sendo 8 toneladas em Minas Gerais e 3 toneladas no Estado

LINCON ZARBETTI/AGÊNCIA ESTADO



1.249 PESCADORES estão cadastrados na área afetada pela lama nos dois estados

80 QUILOMETROS de extensão de lama, quando os rejeitos da barragem chegaram ao mar de Linhares

1,5 MIL HECTARES de vegetação foram destruídos pela lama

CASOS

“Coração sofre todo dia”

“Dói na alma. O coração sofre todo dia, porque eu amava pescar e agora não posso mais. Dediquei uma vida inteira a esse trabalho e agora perdi tudo. Ferramentas e barco parados”, conta o pescador José de Fátima Lemes, o “Fatim”, de 61 anos (foto).

O amante do Rio Doce, em Colatina, afirma que o comércio está abandonado. “A lama tirou a minha vida”.



DIVULGAÇÃO

Adoecendo

Desnorçada. Essa é uma das palavras que compõem a rotina da pescadora Regiane Soares, de 41 anos, moradora de Baixo Guandu. “Depois do desastre da lama perdemos nossa fonte de sustento. A comunidade está muito abalada, pessoas estão adoecendo e tendo depressão”.

Regiane (foto) relata ainda que junto com o desastre veio à notícia de câncer do seu marido, que sem a pesca tem dificuldade para comprar remédios de tratamento da doença.



DIVULGAÇÃO

Todos foram atingidos

“Lembro que quando a lama chegou vivemos um mês de inferno. Humilhação e informações desencontradas. Assim como aqueles que vivem às margens do rio, pessoas da área urbana e rural também foram atingidas pelo desastre da Samarco. Todos foram atingidos”, lembrou a integrante do Fórum Estadual de Defesa do Rio Doce, Márcia Maria Lima de Almeida, de 52 anos.

“Estamos esperançosos com as ações da Defensoria Pública, pois há pessoas ainda sem assistência”.

Economia

Relembre o acidente

800 mil pessoas ficaram sem água tratada

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

- > **A CAPTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO** de água do Rio Doce em Colatina foi suspensa por meio de uma Ação Civil Pública, protocolada na Justiça Federal pelos Ministérios Públicos Federal e Estadual e do Trabalho.
- > **A ÁGUA** poderia trazer riscos à saúde da população.
- > **O RACIONAMENTO** durou cinco dias.
- > **NESTE PERÍODO**, a Samarco informou que distribuiu cerca de 300 mil litros de água diariamente.
- > **EM MINAS GERAIS** e no Espírito Santo, cerca de 800 mil pessoas ficaram sem água tratada.



O QUE A SAMARCO FEZ?

A MINERADORA informou que distribuiu cerca de 2.500 cartões de auxílio financeiro para pessoas atingidas pelo desastre, sendo 1.200 no Estado.

ATIVIDADES PARADAS

- > **COM O ACIDENTE**, as atividades da mineradora na usina de Ubu, em Anchieta, estão paradas.

FUNDAÇÃO RENOVA

> **A FUNDAÇÃO** Renova foi definida como a entidade responsável pela criação, gestão e execução dos programas socioambientais e socioeconômicos. O objetivo é reparar, restaurar e reconstruir as comunidades impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão.

> **OS PROGRAMAS** da Fundação são baseados em duas principais frentes: remediação e compensação.

FUNDO PARA RECUPERAÇÃO

> **UMA AÇÃO DO PODER** público federal e estadual de Minas Gerais e do Espírito Santo, além de ações civis individuais e de instituições e órgãos independentes está sendo julgada.

> **A AÇÃO**, no valor de R\$ 20,2 bilhões, será usada para indenizações e a criação de um fundo para recuperação do Rio Doce.

Fonte: Pesquisa AT e Fundação Renova.

CASOS

“Estou perdido”

Com o sentimento de abandono no peito, o pescador e catador de caranguejo de Campo Grande de Barra Nova, em São Mateus, Adecio de Sena, de 54 anos, diz que se sente como um barco à deriva, perdido.

“Estamos abandonados. A Samarco diz que a comunidade não foi atingida, mas nunca veio até aqui para fazer um diagnóstico. Nunca nos ouvimos”.

ROMPIMENTO DE BARRAGEM

“Tragédia separou a minha família”

A família da pescadora de margem de rio Eliane Balke, de 47 anos, já não é mais a mesma. Moradora da região de Barra Seca e Urussuquara, que vai do Norte de Linhares a São Mateus, ela viu o seu lar ser desmantelado.

Sem conseguir tirar o sustento do rio desde o rompimento da barragem de Fundão, ela atrasou os pagamentos de aluguel da casa em que vivia e teve de ir morar de favor, há três meses, no quintal de uma amiga, em uma barraca de camping.

Nessa hora, tomou uma difícil decisão: mandou os dois filhos, Juan Carlo Balke, 21, e Jean Balke, 18, irem morar na casa de parentes em Linhares. “Minha família foi separada pelo crime ambiental. Ficamos eu e meu marido. Dói muito”.

A TRIBUNA — Como era a sua vida antes da tragédia?

ELIANE BALKE — Era boa, normal. Sou pescadora há 25 anos e tinha com meu marido um comércio, onde a gente vendia peixe e sirri. Pescávamos a semana inteira e no final de semana vendíamos tudo para os turistas. Tirava uns R\$ 700 por semana.

> **E como está agora?**

Não existe mais vida normal desde que aconteceu o crime ambiental. Meu sustento vinha do rio. Sou filha e neta de pescador. Pescar é o que eu sei fazer na vida, não sei outra coisa. Já não temos mais renda. Tive que ir morar de favor no quin-

tal de uma amiga, em uma barraca de camping, com o meu marido. A casa dela está fechada porque ela também é pescadora e teve que se mudar, mas deixou a gente ficar no quintal. Mandei meus filhos para Linhares para não terem que passar por isso. Estamos vivendo de doações de parentes, com ajuda de amigos e da Igreja Católica.

> **E o seu comércio?**

Fechou. As pessoas estão com medo de comer peixe e já faz uns meses que não dá mais peixe no rio. Também não tem mais turismo, ninguém vem pra cá.

> **A Samarco prestou assistência aos seus familiares?**

Não, nada. Apesar de termos sido muito prejudicados, eles não consideram a região de Barra Seca e Urussuquara como uma das atingidas. Acontece que somos banhados pelo rio Ipiranga, que é um afluente do Rio Doce. Os impactos estão todos aqui. Os peixes no rio morreram e o mar é praticamente da cor do rejeito de minério. Há laudos do Ibama e do Iema que atestam isso.

“Não existe mais vida normal desde que aconteceu o crime ambiental. Meu sustento vinha do rio”

Eliane Balke, pescadora



VISTA PANORÂMICA da foz do Rio Doce, em Regência, Linhares

Moradores desconheciam desastre no Rio Doce

Mesmo três meses depois da tragédia de Mariana (MG), portanto em fevereiro deste ano, havia moradores da foz do Rio Doce, em Linhares, que não tinham conhecimento do desastre.

Quem conta é o defensor público estadual Rafael Portella, que atua no Núcleo de Defesa Agrária e Moradia (Nudam) da Defensoria Pública Estadual.

“Essa é uma região formada por comunidades muito humildes. Eles sabiam que tinha acontecido algo, que os peixes estavam morrendo, mas não tinham noção do impacto”, disse.

Na opinião do também defensor público Fábio Bittencourt, que é o coordenador do Grupo Interde-

fensorial do Rio Doce (GIRD), tal desconhecimento ajuda a mostrar o quanto esta população ainda precisa ser assistida de perto.

“Por isso vamos estar junto aos moradores no momento em que a Samarco falar como serão as indenizações para que não haja dúvidas sobre o possível acordo”, afirmou.

Para Portella, é fundamental que sejam levados em conta não só os danos materiais, mas também o âmbito coletivo da tragédia.

“Desastres ambientais dessa envergadura necessitam de compensações sociais, que deixem um legado para as comunidades. É preciso que se recupere a teia social, o lazer e o turismo dessas regiões”, completou.



PERFIL

Eliane Balke

- > **IDADE:** 47 anos
- > **NATURALIDADE:** Marechal Cândido Rondon (PR), mas mora há 25 anos no Espírito Santo, na região de Barra Seca e Urussuquara
- > **PROFISSÃO:** pescadora de margem

de rio

- > **FAMÍLIA:** casada com Gilmar Abelina de Jesus, 48, e mãe de Juan Carlo Balke, 21, e Jean Balke, 18
- > **RENDA:** antes da tragédia era de cerca de R\$ 2.800 por mês. Hoje, a família não tem mais renda

“A empresa quase não tem transparência conosco”

A falta de transparência entre a Samarco e a população atingida pelo rompimento da barragem de Fundão (MG) é uma das principais queixas das entidades civis.

De acordo com o coordenador do Fórum Capixaba em Defesa da Bacia do Rio Doce, o advogado Bruno Toledo, a mineradora não abriu diálogo direto com a comunidade.

“A Samarco tem pouca ou quase nenhuma transparência. E essa postura vem desde o dia do crime, em 5 de novembro do ano passado”, explicou Bruno Toledo.

Dessa forma, segundo o advogado, a função mais importante de todos os fóruns que foram montados até agora é a de mobilizar a população para que ela fique atenta ao que a empresa vem fazendo.

Com relação ao Programa de Indenização Mediada (PIM) da Samarco — que indenizará famílias em Minas Gerais e no Estado —, Toledo disse que o mais preocupante é a forma como a mineradora vai mensurar os danos a ponto de fazer um acordo.

“Vai muito além do prejuízo material. Quem pode afirmar, por exemplo, que o morador que teve contato com a água contaminada não vá desenvolver câncer no futuro?”, ponderou.

O coordenador continua: “Em Colatina a situação foi crítica. Por conta do desabastecimento, as pessoas tiveram de ficar horas na fila por uma miséria de água. Chegou ao ponto até de a polícia, de forma muito violenta, ter de intervir. Como a Samarco vai dizer quanto vale esta humilhação?”

A Samarco disse em nota que de novembro de 2015 a maio deste ano fez mais de 330 reuniões públicas com mais de 13 mil pessoas.

A empresa destacou ainda o foco em reduzir os impactos causados.

“A Samarco reitera a importância de manter o foco na mitigação dos impactos causados às comunidades de Minas Gerais e do Espírito Santo e está ciente de que o termo assinado é o início de um longo processo de diálogo, avaliação técnica e científica, planejamento e execução de diversas ações.”



BRUNO TOLEDO: pouco diálogo